



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO EDUCAÇÃO CEDUC II
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

DAVIDSON MARINHO SOARES

O OUTRO NA FILOSOFIA DE EMMANUEL LÉVINAS

CAMPINA GRANDE – PB
2011

DAVIDSON MARINHO SOARES

O OUTRO NA FILOSOFIA DE EMMANUEL LÉVINAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesterling

CAMPINA GRANDE – PB
2011

S676o

Soares, Davidson Marinho.

O outro na filosofia de Emmanuel Lévinas.

[manuscrito]: /Davidson Marinho Soares. – 2011.
24 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)
– Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2011.

“Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting,
Departamento de Filosofia”.

1. Alteridade 2. Ética 3. Responsabilidade Social I.
Título.

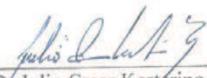
21. ed. CDD 302

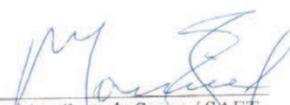
DAVIDSON MARINHO SOARES

O OUTRO NA FILOSOFIA DE EMMANUEL LÉVINAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovada em ____/____/2011.


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Orientador


Prof. Dr. Maruilson de Souza / SAET
Examinador


Prof. Ms. José Nilton Conserva / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a Deus, minha força, que sempre esteve ao meu lado dando-me ânimo e coragem para superar os obstáculos. A minha eterna mãe a quem amo com profundo amor. A minha filha Kéren Hapuque, que, embora criança, sempre foi através de seu simples sorriso motivo de incentivo durante as dificuldades enfrentadas. Aos meus mestres, pela paciência com que me ensinaram a arte da sabedoria e o sentido de ser humano, principalmente a Julio Cesar, meu orientador, pela disponibilidade e incentivo durante a produção desse trabalho. O meu eterno amigo Emerson ao qual tenho um enorme carinho, pois, sempre foi um ombro amigo me apoiando com incentivos inestimáveis. Não poderia deixar de mencionar a minha namorada Gerlane que, mesmo durante o pouco tempo que está ao meu lado tem me encorajado com seus carinhos e palavras de ânimo.

“Nesse sentido, pode dizer-se que o rosto não é visto. Ele é o que não se pode transformar num conteúdo, que o nosso pensamento abarcaria; é o incontível, leva-nos além. Eis por que o significado do rosto o leva a sair do ser enquanto correlativo de um saber”.

Emmanuel Lévinas

O OUTRO NA FILOSOFIA DE EMANUEL LÉVINAS

Davidson Marinho Soares¹
Julio Cesar Kesting²

RESUMO

Diante da crise ética da pós-modernidade, põe-se a urgente tarefa de pensar a ética como algo fundamental. O filósofo Emmanuel Lévinas em sua filosofia nos desafia a focar o outro como fator predominante das relações intersubjetivas. Para tanto ele elabora uma filosofia onde a ética da responsabilidade pela alteridade do outro passa a ser essencial. De acordo com Emmanuel Lévinas é no rosto do outro que encontramos a abertura para o respeito e responsabilidade pela sua alteridade.

Palavras chave: Lévinas, Rosto e Responsabilidade.

ABSTRAT

In the face of ethical crisis of post modernity, put the urgent task of thinking about ethics as fundamental. Philosopher Emmanuel Lévinas in his philosophy, challenges us to focus on the other as a predominant factor of interpersonal relations, for both he elaborates a philosophy where the ethics of responsibility for the otherness of the other becomes essential. According to Emmanuel Lévinas and the face of another who is an openness to the respect and responsibility for their otherness.

Keywords: Lévinas, Face and Responsibility.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa propõe a abordar, ainda de modo introdutório, a estrutura teórica da filosofia de Emmanuel Lévinas. O filósofo entende a ética como metafísica, ou seja, como conhecimento que deve necessariamente ser o critério para todos os outros conhecimentos.

Para tanto, em primeiro lugar, destacaremos algumas particularidades da biografia de Emmanuel Lévinas, as quais foram fundamentais para a elaboração de sua filosofia.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

² Prof. Dr. Orientador.

Abordaremos em seguida a crítica levinassiana à ontologia tradicional, que remonta desde a Grécia antiga, na figura mítica de Narciso, passando pelo período das luzes quando a razão se arvora em explicar quase tudo, até chegar a Husserl e Heidegger, expressão maiores de um modo de fazer filosofia onde à alteridade do outro é suprimida.

Destacaremos o caminho apontado por Lévinas, para a superação desse modo de fazer filosofia. Para Lévinas está no rosto do outro a possibilidade de superação desse modo de se fazer filosofia. O rosto, para o filósofo, carrega em si o infinito, o transcendente; ele solicita também de mim uma resposta, que inevitavelmente preciso dar: a responsabilidade pela alteridade do outro. Rosto que é linguagem, que me interpela, que me convida ao amor, a solidariedade e, portanto a responsabilidade para com as diferenças do outro.

1 METAFÍSICA - ONTOLOGIA

1. 1 Emmanuel Lévinas.

Emmanuel Lévinas pensador contemporâneo nascido em janeiro de 1905 e falecido em 25 de dezembro de 1995 ainda é pouco conhecido do público acadêmico brasileiro. Filho de pais judeus nasceu em Kaunas na Lituânia, anos mais tarde, 1923, adotou a cidadania francesa e constituiu família neste País. Na França, estudou filosofia até o ano de 1930 na Universidade de Estrasburgo, tendo aí um contato sério com a filosofia: “O contato sério com a literatura especificamente filosófica e com os filósofos, foi em Estrasburgo”³. Lévinas leu os clássicos da filosofia, entre outros os “[...] grandes Filósofos Platão e Aristóteles, Descartes e os cartesianos, Kant”⁴. No ano de 1928-1929 participou na cidade de Friburgo na Brisgóvia de seminários com dois grandes expoentes da filosofia, Husserl e Heidegger, os quais posteriormente exerceriam grandes influencia na estrutura do seu pensamento. Quando foi a Friburgo para seguir o ensino de Husserl, descobriu lá um filósofo que antes não conhecia, mas que teria uma importância capital na elaboração do seu pensamento: Martin Heidegger⁵.

O próprio Lévinas reconhece esses dois proeminentes filósofos contemporâneos. Sobre Husserl ele diz em uma de suas obras: “Foi com Husserl que descobri o sentido concreto da própria possibilidade de trabalhar em filosofia”⁶. Seu contato com Husserl foi tão profundo que Lévinas doutorou-se no ano de 1930 abordando a tese *La théorie de l'intuition dans La phénoménologie de Husserl*, (A teoria da intuição na fenomenologia de Husserl)

³ Lévinas, E. Ética e Infinito. Trad, port. João Gama, Lisboa: edições 70, 1982, pág, 19.

⁴ Ibidem, p, 19.

⁵ Ibidem, p, 29

⁶ Ibidem, p, 22

tese premiada pelo Institut de France. Em outro momento de sua vida, também em Estrasburgo, o jovem filósofo Emmanuel Lévinas participa da tradução das husserlianas *Meditações cartesianas*: “Mille Peiffer, com quem, mais tarde, participei na tradução das Husserlianas *Meditações cartesianas* [...]”⁷. Sobre Husserl ele (Lévinas) ainda coloca: “Foi pouco a pouco que se formou no meu espírito a verdade essencial de Husserl, na qual ainda hoje acredito [...]”. E a respeito de Heidegger o que diz Lévinas? O filósofo não poupa elogios ao filósofo Martin Heidegger, no livro *Entre Nós*, o qual reúne um conjunto de ensaios levinassianos sobre a alteridade. Lévinas chega a dizer: “Heidegger é para mim, o maior filósofo do século, talvez um dos maiores do milênio [...]”⁸. No entanto vale salientar que embora Lévinas teça bons comentários sobre Heidegger enquanto filósofo, ele tem uma posição bem contrária com relação às posições políticas de Heidegger. Sobre tais posições Lévinas coloca:

Não digo isto por causa dos compromissos políticos de Heidegger, tomados alguns anos depois do *Sein und Zeit*, se bem que nunca me tenha esquecido destes compromissos, e que Heidegger nunca, na minha opinião, se tenha desculpado da sua participação no nacional-socialismo⁹.

O filósofo Emmanuel Lévinas, apesar de ter opiniões bem contrárias as de Heidegger sobre questões políticas, faz questão de reconhecer a importância do mesmo para a elaboração do seu pensamento; coloca, neste sentido sua obra *Ser e Tempo*, no rol das obras mais importantes de filosofia, sobre a obra Heideggeriana *Ser e Tempo* Lévinas diz: “Com efeito, descobri *Sein und Zeit*, que se lia à minha volta. Muito cedo tive grande admiração por este livro. É um dos mais belos livros da história da filosofia”¹⁰.

No entanto, embora Lévinas tenha sido influenciado por Husserl e Heidegger, e com muito mérito faça questão de reconhecer tais influências e sem demagogia não poupe bons comentários a ambos, vale pontuar também, que o arcabouço de sua filosofia se pauta, sobretudo a partir de críticas a filosofia de Husserl e Heidegger como veremos mais adiante.

A história de vida de Emmanuel Lévinas foi marcada também por perseguição e horror. Vítima dos nazistas esteve prisioneiro durante a segunda guerra mundial entre os anos de 1939 a 1945 na Bretanha e Alemanha. Essa guerra dizimou sua família que foi brutalmente assassinada pelos soldados nazistas. A segunda guerra mundial influenciou profundamente a construção da filosofia levinassiana. Vendo a crueldade do homem contra seu semelhante elaborou uma teoria ética onde o respeito e a responsabilidade pelo outro passa a ser o ponto central.

⁷ Ibidem, p, 22

⁸ Lévinas, E. *Entre Nós*. Trad, port. Pergentino S. Pivetto. Vozes: Petrópolis, 2005, pág. 158.

⁹ Lévinas, E. *Ética e Infinito*. Trad, port. João Gama, Lisboa: edições 70, 1982, p, 33.

¹⁰ Ibidem, p, 19

Emmanuel Lévinas lecionou filosofia e foi diretor da escola normal israelita oriental, foi também professor de filosofia na universidade de Poitiers, de Paris-Nanterre e na Sorbona. Sobre a vida de Emmanuel Lévinas Kestering comenta:

A filosofia de Emmanuel Lévinas (1905-1995), pensado judaico-francês, teve sua origem no pasmo (Thauma) diante das possibilidades inerentes à liberdade humana, no horror do ódio que um homem é capaz de sentir diante do outro. Sua própria biografia foi marcada pela perseguição e pela perda de seus familiares nos campos de concentração nazistas¹¹.

A sua obra de referência é sem sombra de dúvidas *Totalidade e Infinito*, muito embora tenha várias outras importantes obras, tais como: *Ética e Infinito*; *Entre nós*; *Descobrir a existência com Husserl e Heidegger*; *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* entre outras, *Totalidade e Infinito* é a obra de referência para seu pensamento, pois foi escrito por Lévinas para sua livre docência.

1.2 METAFÍSICA

Mas como entender a metafísica de acordo com a concepção levinassiana? Primeiro nos preocupa defini-la tradicionalmente; já que a metafísica é um dos principais ramos de conhecimento que integram o estudo propriamente dito da filosofia. Para tanto usaremos Abbagnano. Segundo ele a metafísica é “o estudo que se preocupa com as causas e fundamentos últimos do Ser”¹², ou seja, é o ramo de conhecimento filosófico que se interessa em saber as causas primeiras do Ser, isto é, Ser este que abarca a totalidade de todas as coisas. Na tradição filosófica a metafísica seria a última resposta para todas as coisas, ela é uma espécie de fundamento para todos os outros conhecimentos. O conhecimento metafísico acompanha a filosofia desde sua origem, passando pelos pré-socráticos, medievo, modernidade e contemporaneidade.

Em Emmanuel Lévinas, como podemos entender esse tão importante conceito? Para entendermos o conceito de metafísica em Lévinas é necessário, sobretudo compreender-mos antes de tudo os construtos levinassianos que interagem-se e integram-se simultaneamente para sua fundamentação. Mas quais são esses conceitos? Inúmeros. Para tanto nos preocuparemos com os mais elementares; **Transcendecia, desejo metafísico, exterioridade, infinito, alteridade, rosto e ética**. Todos esses conceitos em Levinas estão estritamente embricados na fundamentação do conceito de metafísica. Podemos até dizer, que tais conceitos na dinâmica do pensamento levinassiano se relacionam como uma espécie de complementação, pois todos eles dependem um dos outros, um está ligado ao outro

¹¹ Kestering, Julio Cesar. Sobre o Diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar. EDUEPB, 2008, pág. 18

¹² Abbagnano, N. Dicionário de Filosofia. 2ª Ed. 1962, pág.633.

diretamente, dissociá-los seria fragmentar a integralidade da filosofia levinassiana. “É necessário fazer confluir numa espécie de síntese orgânica noções como: **Transcendência, idéia do infinito, desejo, outro e rosto**”.¹³ Considerando a didática na argumentação, exporemos cada conceito relacionando-o com os demais, consideramos que esta seria a melhor maneira de compreendermos a metafísica levinassiana.

O conceito de **Transcendência** está relacionado aos demais conceitos do arcabouço de sua filosofia. Lévinas define a transcendência como: “[...] o único ideatum do qual apenas pode haver uma idéia em nós; está infinitamente afastado de sua idéia – que dizer exterior – porque é infinito”¹⁴. Observe que a transcendência levinassiana é caracterizada pelo **Infinito, e infinito cartesiano**. Tal transcendência é exterior, pois vem de fora, e é posta em nós. Mas como exterior e está dentro de nós? Exterior pelo simples fato de ser incontida pela nossa idéia, isto é, pelo pensamento, pois embora presente em nós, ele (**Infinito**) ultrapassa os limites de nossa idéia, fato que revela sua transcendencialidade e **Exterioridade** como idéia do infinito. Para efeito de compreensão segue-se a definição de Lévinas sobre a idéia do infinito: “Parto da idéia cartesiana do infinito, onde o ideatum desta idéia, isto é, o que esta idéia visa, é infinitamente maior do que o próprio ato pelo qual eu penso. Há desproporção entre o ato e aquilo a que o ato dá acesso”¹⁵.

Para Emmanuel Lévinas “o infinito no finito, o mais no menos, se realiza pela idéia do Infinito, e produz-se como **Desejo**”¹⁶. Tal desejo é descrito por Lévinas como Desejo metafísico. De acordo com Lévinas tal desejo se volta para o absolutamente outro. “o desejo metafísico tem uma outra intenção – deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo”¹⁷. Esse desejo metafísico se estabelece como absoluto, pois, quem deseja é mortal e quem é desejado é invisível. Por ser desejo do invisível não significa que se instaura ausência de relação. O desejo propriamente dito é a própria relação com o infinito, tal relação não se configura como conhecimento, mas como proximidade. Essa relação contém algo que é desmedido, isto é, profundo, não esgotável, algo que transborda, aflora Mas onde este infinito aflora? Para Lévinas aflora no **rosto do outro**, rosto que carrega em si próprio a transcendência, o infinito, rosto que solicita que interpela que fala que instaura a abertura para **alteridade**.

A relação com o infinito não é conhecimento, mas proximidade, que preserva o desmedido do não englobável que aflora. Tal relação é Desejo, isto é, precisamente pensamento que pensa infinitamente mais do que pensa. Para solicitar um pensamento que pensa mais do que pensa, o infinito não pode encarnar-se num

¹³ Costa, Márcio Luis. Lévinas: uma introdução. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis, RJ: Vozes. Pág. 122.

¹⁴ Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1980, pág. 36.

¹⁵ Lévinas, E. Ética e Infinito. Trad. port. João Gama. Lisboa: edições 70, 1982, pag. 83.

¹⁶ Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1980, pág. 37

¹⁷ Ibidem, pág. 22

Desejável, não pode como infinito enclausurar-se num fim. Ele solicita através de um rosto¹⁸.

Para Emmanuel Lévinas o primeiro acesso ao rosto do outro é essencialmente ético: “Penso antes que o acesso ao rosto é, num primeiro momento, ético”¹⁹, ou seja, o rosto do outro é um convite ao respeito, amor e responsabilidade. Discutiremos mais sobre o rosto mais adiante do nosso trabalho. Mas o que Lévinas entende por **ética e a alteridade**? Sobre a ética Levinas chega a dizer, que ela seria a filosofia primeira, ou seja, é a própria metafísica, significa dizer, em outras palavras, que a ética em Emmanuel Lévinas assume o critério de conhecimento primeiro para todos os outros, seja ele político, filosófico, social ou científico. Na posição do filósofo o frente-a-frente ou face-a-face, isto é, o contato com o rosto do outro que é pura transcendência, relação com o infinito, exprime a exterioridade. A relação com a face dos nossos semelhantes nos coloca diante da idéia do infinito, “A ética, para além da visão e da certeza, esboça a estrutura da exterioridade...”²⁰. Sobre a alteridade Lévinas pontua:

“... como estou inclinado a pensar, a alteridade do outro homem em relação ao eu é inicialmente – e, ousou dizer, é “positivamente” – rosto do outro homem obrigando o eu, o qual de imediato – sem deliberação – responde por outrem. De imediato, isto é, responde “gratuitamente”, sem se preocupar com reciprocidade. Gratuitude do pelo outro, resposta de responsabilidade”²¹.

Observe que alteridade em Lévinas é percebida no rosto do outro. É o rosto em sua epifania e transcendencialidade que impregna no face-a-face o comando de obrigação de responsabilidade ao eu diante do outro: “Esta alteridade [...] absoluta manifesta-se na epifania do rosto, no face-a-face”²². Podemos constatar, assim, claramente na filosofia levinassiana a circularidade dos conceitos, ou seja, há no arcabouço teórico do pensamento filosófico de Lévinas um simbiose entre os conceitos, metafísica, ética, transcendência, exterioridade, rosto, infinito, desejo e alteridade. Cada um dos conceitos mantém íntima relação na fundamentação da metafísica levinassiana. Todos possuem uma única finalidade, o rosto do outro. A proposta filosófica de Lévinas só faz sentido com a existência do outro. Por isso que Lévinas ficou conhecido nos ciclos acadêmicos como o filósofo do outro, o outro é em Lévinas a própria transcendência. Portanto, a metafísica levinassiana é a própria ética, ética que só faz sentido com o respeito e responsabilidade pelo outro.

1.3 CRÍTICA A ONTOLOGIA TRADICIONAL.

¹⁸Lévinas, E. Entre Nós. Trad, port. Pergentino S. Pivetto. Vozes: Petrópolis, 2005, pág. 90.

¹⁹Lévinas, E. Ética e Infinito. Trad, port. João Gama. Lisboa: edições 70, 1982, pág. 77.

²⁰Costa, Márcio Luis. Lévinas: uma introdução. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, Pág. 144.

²¹Lévinas, E. Entre Nós. Trad, port. Pergentino S. Pivetto. Vozes: Petrópolis, 2005, pág. 214.

²²Ibidem, pág. 237.

O outro que em Lévinas assume a posição de transcendente, de intotalizável. O outro para o filósofo sempre será uma entidade indiscernível. Pela ontologia tradicional ele foi reduzido a uma entidade intelegibilizada, ou seja, a alteridade do outro é suprimida, o outro passou a ser algo passivo de racionalização, um objeto da razão. Mas o que seria essa ontologia? Segundo Abbagnano ela é a “[...] doutrina que estuda os caracteres fundamentais do Ser: aqueles caracteres que todo ser possui e não pode deixar de possuir”²³. Em Lévinas a ontologia é caracterizada pelo aspecto da filosofia da totalidade. Para o filósofo a ontologia tradicional se apresentou no ocidente como uma tentativa de totalização.

A totalização implica que não haveria nada do que eu pudesse continuar sem ser reduzido e sem se adequar: não há nenhum aspecto da ‘interioridade’ do eu que não tenha sido reduzido a totalidade do racionalismo. Emoções, crenças religiosas, prazer sexual e qualquer coisa íntima sobre o eu já são partes da economia técnica do racionalismo.²⁴

A ontologia sempre se arvorou em dar uma explicação para absolutamente quase tudo, inclusive o outro. Que na perspectiva da ontologia tradicional ele não escapa a redução, ou melhor, a compreensibilidade, ou seja, o outro na ontologia tradicional esconde sua alteridade, sua transcendência. A modernidade fez do outro uma espécie de coisa, ele (o outro) é algo que precisa ser compreendido em sua total dimensão, o outro passa a ser coisificado, objetivado, conhecido: “A inteligibilidade põe o ‘ser conhecido’ numa relação tal com o ‘ser que conhece’ de modo que a alteridade do primeiro se desvanece e é absorvida no plexo de sentido e significado que constitui a totalidade do mundo do ‘ser que conhece’ [...]”²⁵

Para Emmanuel Levinás “a ontologia é a teoria da inteligência dos seres”²⁶. Em outras palavras, a ontologia sempre se arvorou em reduzir tudo que constitui o mundo a estruturas passíveis de total conhecimento, isto é, tudo que está presente no mundo passa a ser submetido à racionalização, inclusive o outro, assim, o outro passa a ser objeto.

FILOSOFIA DO MESMO

Outro ponto que merece ser destacado dentro da filosofia levinassiana é a crítica que ele faz a filosofia do mesmo que remonta sua origem no universo grego-ocidental, filosofia considerada como filosofia da autonomia, uma espécie de filosofia voltada unicamente para o **si** de cada indivíduo. Tal filosofia está interessada sobretudo na busca pela liberdade pessoal, uma postura filosófica preocupada tão somente com a identidade do sujeito, e conseqüentemente, com uma responsabilidade do sujeito para consigo mesmo.

²³ Abbagnano, N. Dicionário de Filosofia. 2º Ed. 1962, pág. 697.

²⁴ Hutchens, B. C. Compreender Lévinas. Trad, Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis: RJ. Vozes, 2007. pág. 32.

²⁵ Costa, Márcio Luis. Lévinas: uma introdução. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, pág. 118.

²⁶ Ibidem, p. 119.

A primeira tradição filosófica possui o nome de filosofia da autonomia, que busca a confirmação da liberdade e da identidade do sujeito. Lévinas mesmo chama esta filosofia de filosofia do Mesmo. Cada indivíduo conhece – assim poderíamos dizer – somente responsabilidade para consigo mesmo.²⁷

Para Emmanuel Lévinas, a Filosofia do Mesmo remonta suas raízes desde tempos longínquos, isto é, desde a Grécia antiga na figura mítica de Narciso, passando pela modernidade na confiança desmedida na deusa-razão, e no século passado presente sobretudo nas filosofias de Edmund Husserl e Martin Heidegger.

A filosofia do Mesmo possui uma tradição longa: suas raízes podem ser encontradas na Grécia antiga, no período moderno está presente na crença da deusa-razão, no século passado é confirmada no pensamento de Edmund Husserl e de Martin Heidegger.²⁸

A filosofia da autonomia representa para Lévinas uma postura filosófica esgoísta pois nela está presente uma preocupação com a defesa da própria existência, do próprio ser, ou melhor com a centralidades das próprias necessidades, luto contra tudo e contra todos para garantir a minha autonomia e liberdade, o que acaba por resultar num eterno retorno a si mesmo, numa liberdade do ser-para-si, uma liberdade que gera isolamento, solidão. É aí onde Lévinas encontra um isolamento radical diante do outro. Penso na minha liberdade independente do outro, eis a bandeira da filosofia do Mesmo.

A CRÍTICA A HUSSERL

Embora Emmanuel Lévinas, como vimos, reconheça a forte influência de Husserl e Heidegger para construção de sua filosofia, vale salientar que a maior parte da crítica levinasiana se dirige a filosofia husserlina e heideggeriana, que segundo o filósofo são filosofias diretamente comprometidas com a totalidade e com a ontologia tradicional.

Vejam os alguns aspectos da crítica de Lévinas a filosofia de Husserl. Como bem sabemos, Husserl foi o grande responsável pela criação da teoria da fenomenologia, teoria que se constitui a partir da premissa ‘toda consciência é consciência de alguma coisa’. A partir dessa premissa Lévinas articula sua crítica à fenomenologia, pois segundo o ele a consciência passa a ter papel central na relação com as coisas, ou seja, a consciência do sujeito é quem objetiva a existência das coisas. Nesse sentido ela passa a ter primazia em relação com o objeto, ela é objetivante, determinante. “Lévinas critica, sobretudo, a primazia que a consciência objetivante possui na fenomenologia husserliana. A filosofia da consciência

²⁷ Kestering, Julio Cesar. Sobre o Diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar. EDUEPB, 2008, pág. 30.

²⁸ Ibidem, pág. 31

apresenta-se na forma de relação entre sujeito e objeto”.²⁹ Observe que a consciência na fenomenologia de Husserl é quem atribui sentido ao objeto, o objeto ou a coisa só o é diante de uma consciência.

[...] toda a percepção é percepção do percebido, toda a Ideia, ideia de um ideatum, todo desejo, desejo de um desejado, toda emoção, emoção de algo emocionante; mas todo o obscuro pensamento do nosso ser se orienta também para qualquer coisa.
30

Como podemos observar, a consciência do sujeito é a medida sobre tudo, inclusive diante do outro, nada está para além da consciência, a consciência se apropria do que está ao seu alcance. Lévinas constata que o outro passa a ser coisificado, objetivado pela consciência do sujeito. O outro é visto sob a ótica da intencionalidade da consciência do sujeito. Sob essa perspectiva a alteridade do outro é insignificante para o sujeito.

Em Husserl a alteridade do outro não vem a ser considerada como fora do mundo do Eu constitutivo ou do Eu doador de sentido. O Eu permanece medida, centro na relação com o outro. A alteridade do outro ser humano deixa de ser significativa para o sujeito.³¹

Sob esse aspecto da crítica levinassiana podemos assegurar claramente a tendência da fenomenologia em direção a filosofia tradicional; “Husserl não supera a tendência à totalidade da filosofia tradicional [...]”.³²

A CRÍTICA A HEIDEGGER.

Lévinas também identifica alguns aspectos da filosofia heideggeriana que revelam sua tendência a filosofia da totalidade bem como a ontologia tradicional. “Segundo a interpretação de Lévinas, a filosofia de Heidegger não consegue superar o egoísmo ou o imperialismo do sujeito”³³. Mas onde poderíamos identificar esses aspectos? Pois bem, em Heidegger “a essência última do homem e da verdade é a compreensão do Ser do ente”³⁴. O Ser do ente nesse sentido seria o outro, tal compreensão é em Heidegger, desvelamento, isto é, alcance da alethéia, a própria verdade. “A relação com o outro está sob o domínio da compreensão e da conquista do ser [...]. Compreender significa, desvelar o ser, [...]. Ser Eu significa, em Heidegger, querer a verdade do Ser”.³⁵

²⁹Ibidem, p. 47.

³⁰Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1980, pág. 107

³¹Kestering, Julio Cesar. Sobre o Diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar. EDUEPB, 2008, pág. 48

³²Ibidem, pág. 48

³³Ibidem, pág. 45

³⁴Ibidem, pág. 45

³⁵Ibidem, pág. 45

Perceba, que o Eu heideggeriano visa se apropriar do Ser do ente, numa tentativa de compreensão e captação. O outro nessa relação submete-se a intelegibilização, pois, compreender é conhecê-lo, esgotá-lo, anular sua transcendência.

A relação com o ser, que actua como ontologia, consiste em neutralizar o ente para compreender ou captar. Não é, portanto, uma relação com o outro como tal, mas a redução do outro ao Mesmo. [...] A tematização e a conceptualização, aliás, inseparáveis, não são paz com o outro, mas supressão ou posse do outro.³⁶

Tanto em Husserl quanto em Heidegger podemos constatar uma tendência direta para a filosofia do Mesmo quanto para a totalidade. É possível discernir sem muito esforço, que o outro teve por parte dessa filosofia sua alteridade suprimida, ou seja, foi privado de sua alteridade. Mas como Emmanuel Lévinas supera com sua filosofia essas perspectivas filosóficas? Isso veremos no tópico que se segue.

2º O ROSTO

2º. 1. O CONCEITO LEVINASSIANO DE ROSTO.

O rosto em Emmanuel Lévinas não se resume apenas a um nariz, a boca, aos olhos ou a uma testa. Lógico que quando nos voltamos para um rosto fazemos logo essa descrição, detalhamos logo as feições da pessoa. Preocupamo-nos se o sorriso é bonito, com a cor dos olhos, com o tamanho do nariz e outros detalhes. No entanto, o rosto do outro não se reduz, na filosofia de Lévinas, a esses aspectos físicos. O rosto para o filósofo, “[...] abre espaço para uma filosofia do outro”³⁷. É a partir do rosto do outro que é possível a superação de uma ontologia onde se pensa unicamente no próprio eu. Superação de uma filosofia solipsista, filosofia do mesmo.

Tal passagem acontece, segundo Lévinas, com a apresentação do outro homem, ou seja, com a apresentação de seu rosto que possibilita a superação da filosofia do sujeito ou do Mesmo, isto é, de uma filosofia centrada ou somente preocupada com o Mesmo e com a autonomia e liberdade.³⁸

Para Emmanuel Lévinas a relação com o rosto do outro é num primeiro momento ético, ou seja, o rosto para o filósofo é convite é discurso: “Rosto e discurso estão ligados. O rosto fala. Fala, porque é ele que torna possível e começa todo discurso”³⁹. Mas que discurso seria esse? A linguagem do rosto é interpelação, convite. O rosto instaura a própria ética, o face-a-face é para Emmanuel Lévinas relação de harmonia, amor, solidariedade e sobre tudo responsabilidade.

³⁶Ibidem, pág. 45

³⁷Ibidem, pág. 19.

³⁸Ibidem, pág. 19.

³⁹Lévinas, E. *Ética e Infinito*. Trad. João Gama. Lisboa: edições 70, 1982, pág. 79.

O rosto é para Lévinas inconceituável, ele não pode se tornar um conteúdo objetivado está sobre qualquer definição racionalista. Ele está para além de qualquer saber, é uma epifania, ou seja, uma espécie de manifestação do divino.

Nesse sentido, pode dizer-se que o rosto não é visto. Ele é o que não se pode transformar num conteúdo, que o nosso pensamento abarcaria; é o incontível, levamos além. Eis por que o significado do rosto o leva a sair do ser enquanto correlativo de um saber.⁴⁰

A partir da citação acima, podemos constatar que o rosto escapa a qualquer relação de conceituação, de um possível saber aos moldes da razão moderna. Ele está para além, pois é a própria transcendência. O rosto é discurso de paz, respeito e serviço ao outro, o rosto é linguagem, é diálogo. Sobre isso Kestering comenta: “[...] à tese fundamental da filosofia levinassiana: o modo concreto que se realiza a idéia cartesiana do infinito em nós e a idéia platônica do Bem além do ser é a linguagem. O rosto do outro é expressão, é linguagem [...]”⁴¹. O rosto do outro no convida ao respeito, à responsabilidade, solicita de nós um compromisso ético. O rosto nos coloca diante do infinito, isto é, da própria transcendência. “Uma tal situação é o brilho da exterioridade ou da transcendência no rosto de outrem. O conceito dessa transcendência, rigorosamente desenvolvido, exprime-se pelo termo de infinito”⁴². O rosto do outro é abertura para o encontro com o infinito, é ele que nos coloca cartesiano? Vejamos isso com mais propriedade no próximo tópico.

2º. 2 O ROSTO E A IDEIA DE INFINITO.

A idéia de infinito cartesiana tem haver com um pensamento que pensa além do próprio pensamento, isto é, é o finito pensando o infinito. É onde Descartes coloca a prova da existência de Deus, pois, como o pensamento pode produzir algo que o ultrapasse? Para Descartes isso só faz provar que a idéia de infinito é posta em nós. No entanto não é a prova da existência de Deus que interessa a Lévinas, mas tão somente a idéia de infinito. Para efeito de compreensão segue-se a interpretação levinassiana a respeito da ideia de infinito cartesiana:

[...] a idéia do infinito implica um pensamento do desigual. Parto da idéia cartesiana do infinito, onde o ideatum desta idéia, isto é, o que esta idéia visa, é infinitamente maior do que o próprio acto pelo qual eu o penso. Há desproporção entre o acto e aquilo a que o acto dá acesso. Para Descartes, reside aqui uma das provas da existência de Deus: o pensamento não pode ter produzido algo que o ultrapassa: era necessário que este algo tivesse sido posto em nós. Logo, há que admitir um Deus infinito que pôs em nós a idéia de infinito. Mas não é a prova procurada por Descartes que aqui me interessa.⁴³

⁴⁰Lévinas, E. *Ética e Infinito*. Trad, port. João Gama. Lisboa: edições 70, 1982, pág. 78.

⁴¹Kestering, Julio Cesar. *Sobre o Diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar*. EDUEPB, 2008, pág. 33.

⁴²Lévinas, E. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980, Pág. 12.

⁴³Lévinas, E. *Ética e Infinito*. Trad, port. João Gama. Lisboa: edições 70, 1982, pág. 83.

A idéia de infinito em Lévinas se aplica a mesma lógica cartesiana, é um pensamento que pensa além do próprio pensamento, sendo que em Lévinas é o rosto que põe o indivíduo que o contempla diante do infinito. O rosto do outro é para o filósofo o que nos transporta para o universo do transcendente, é o que nos faz romper com a totalidade, com a ontologia do poder, pois ele aponta para o universo do indiscernível, do metafísico. O infinito que se abre no rosto do outro é a manifestação da própria metafísica.

Entre uma filosofia da transcendência [...] e uma filosofia da imanência [...] propomo-nos descrever, no desenrolar da existência terrestre, da existência econômica [...] uma relação com o Outro, que não se desemboca numa totalidade divina ou humana, uma relação que não é uma totalização da história, mas a idéia do infinito. Uma tal relação é a própria metafísica.⁴⁴

O rosto do outro é o começo da própria filosofia, é o rosto que nos coloca nas pegadas do infinito. Tal infinito é para Lévinas compreendido em termos cartesianos, muito embora, como ele mesmo diz: “Em Descartes, a ideia de infinito permaneça uma ideia teórica, uma contemplação, um saber”.⁴⁵ Em Lévinas o infinito que se revela no rosto é indiscernível, incontido, ou seja, não é passível de totalização, é algo que está para além “das categorias do ser”.⁴⁶ A relação entre o rosto e a idéia de infinito, é a lição de que o rosto trás consigo mais do que o eu que o contempla pode pensar. Por isso que rosto e infinito em Lévinas são categorias que extrapolam qualquer conceituação. “A recepção da ideia de infinito que é “o Outro” e o rosto do Outro no face-a-face significam também ensino ou ser ensinado. É receber uma lição sobre um conteúdo que vem de fora e que traz mais do que o “eu” contém”⁴⁷.

2º. 3 O ROSTO COMO ABERTURA PARA ALTERIDADE.

No rosto do outro se dá a abertura para a alteridade. Mas qual o significado desse termo em Lévinas? Na filosofia levinassiana a alteridade assume o sentido do diferente. Praticar a alteridade significa para o filósofo ter a capacidade de se colocar no lugar do outro, tarefa nada fácil. Para Emmanuel Lévinas a ética deve necessariamente caminhar em direção a alteridade do outro. “É preciso que abandonemos antes nossos pré-juízos, nossos pré-conceitos, indo em direção ao Outro, ao desconhecido; é preciso que aprendamos como se aprende uma nova língua do estrangeiro, do Outro em sua alteridade, em sua diferença”.⁴⁸ E qual seria o papel do rosto do outro nesse processo em direção a alteridade? O rosto do outro manifesta em sua epifania a alteridade, o face – a – face exprime de um modo interpelativo a o eu que o contempla a alteridade do outro. “Esta alteridade e esta separação absoluta

⁴⁴Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1980, pág. 39.

⁴⁵Lévinas, E. Ética e Infinito. Trad, port. João Gama. Lisboa: edições 70, 1982, pág. 83

⁴⁶Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1980, pág. 273.

⁴⁷Costa, Márcio Luis. Lévinas: uma introdução. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, pág. 125.

⁴⁸Kesterling, Julio Cesar. Sobre o Diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar. EDUEPB, 2008, pág. 30.

manifestam-se na epifania do rosto, no face – a – face”.⁴⁹ A alteridade do outro que se manifesta na relação do face – a – face solicita uma postura de respeito, amor e sobretudo de responsabilidade. “A expressão originária do rosto cura a alergia, o horror perante o Outro e estabelece uma relação de paz e responsabilidade”.⁵⁰ Para o filósofo considerar a alteridade do outro é aceitá-lo em sua diferença. Eis o que a filosofia de Emmanuel Lévinas pretende:

Sua filosofia quer ser uma tentativa de abrir novos caminhos na filosofia que não sejam originalmente totalitários e violentos perante a alteridade do Outro. Trata-se de um esforço em levar a ética a ser a filosofia primeira, abrir espaços para novas formas de pensamento filosófico, distanciar-se daqueles totalitários da tradição filosófica milenar.⁵¹

3 A RESPONSABILIDADE PELO OUTRO.

3.1 O CONCEITO DE RESPONSABILIDADE EM LÉVINAS.

Como Emmanuel Lévinas caracteriza o conceito de responsabilidade em sua filosofia? Como se pode aplicar o conceito de responsabilidade nas relações intersubjetivas? Essas e outras perguntas são respondidas por Lévinas nas entrelinhas de sua proposta filosófica. Para o filósofo, a responsabilidade pelo Outro assume em sua filosofia um caráter extremamente fundamental. Para efeito de compreensão segue-se a definição de Lévinas a respeito da responsabilidade: “Entendo a responsabilidade como responsabilidade por outrem, portanto, como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto”⁵². Note que a responsabilidade na visão levinassiana independe de minha vontade, ou seja, de qualquer modo sou responsável pelo outro. Por isso que a responsabilidade em Lévinas é “indeclinável”.

Quando Lévinas admite que essa responsabilidade é “indeclinável” ele quer que entendamos que não podemos dizer “não” a ela. “Ser eu” proclama Lévinas “significa não ser capaz de evitar a responsabilidade” porque estou ligado, de uma maneira peculiar, ao outro.⁵³

Para o filósofo não posso recusar-me a ser responsável pelo outro, pois o outro sempre será para mim uma subjetividade indiscernível, uma entidade que escapa a qualquer racionalização ou objetivação. O outro é para mim a própria transcendência, que carrega em seu rosto a interpelação à responsabilidade. É na nudez do rosto do outro que encontramos a solicitação de uma ética da responsabilidade.

Esta inversão humana do em-si e do para-si, do “cada um por si”, em um eu ético, em prioridade do para-outro, esta substituição ao para-si da obstinação ontológica de

⁴⁹Lévinas, E. Entre Nós. Trad, port. Pergentino S. Pivetto. Vozes: Petrópolis, 2005, pág. 237.

⁵⁰Kestering, Julio Cesar. Sobre o Diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar. EDUEPB, 2008, pág. 21

⁵¹Ibidem, pág. 51.

⁵²Lévinas, E. Ética e Infinito. Trad, port. João Gama. Lisboa: edições 70, 1982, pág. 87

⁵³Hutchens, B. C. Compreender Lévinas. Trad, Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis: RJ. Vozes, 2007, pág. 36

um eu doravante decerto único, mas único por sua eleição a uma responsabilidade pelo outro homem – irrecusável e incessível – esta reviravolta radical produzir-se-ia no que chamo encontro do rosto de outrem. Por trás da postura que ele toma – ou que suporta – em seu aparecer, ele me chama e me ordena do fundo de sua nudez sem defesa, de sua miséria, de sua mortalidade. É na relação pessoal, do eu ao outro, que o “acontecimento” ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz além ou eleva acima do ser.⁵⁴

Tal responsabilidade é descrita por Lévinas como insubstituível, isto é, ninguém pode me substituir, só eu, e mais nenhum outro pode assumir minha a responsabilidade. “Responder por nós mesmo implica aquilo que Lévinas descreve como “substituição” que significa que ninguém pode nos substituir em nossa própria responsabilidade “⁵⁵. Além de ninguém poder assumir minha própria responsabilidade, vale salientar também que na relação com o outro se estabelece o que o filósofo chama de relação não-simétrica, ou seja, sou responsável pelo o outro independente da reciprocidade. O outro não precisa na ética ser responsável por mim, mas devo necessariamente ser responsável por ele. “[...] a relação intersubjetiva é uma relação não-simétrica. Neste sentido, sou responsável por outrem sem esperar a reciprocidade, ainda que isso me viesse a custar à vida”.⁵⁶ Para endossar a consistência da responsabilidade na sua filosofia, Lévinas chegar a usar uma frase do Dostoievsky, “Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros”.⁵⁷

3.2 CRÍTICA A MORAL SOLIPISISTA.

O que seria uma moral solipsista a partir da filosofia de Emmanuel Lévinas? Será que na chamada pós-modernidade encontramos morais solipsistas? Primeiro cabe-nos esclarecer-nos o que seria a moral. A moral constitui-se das normas estabelecidas na perspectiva da heteronomia, ou seja, as regras que exteriormente nos são impostas, regras civis, religiosas, familiares e sociais. E o termo solipisismo, o que significa na filosofia levinassiana? Para Lévinas, significa a centralidade do eu, o voltar-se unicamente para-si, o puro egoísmo. Solipisista é para Lévinas aquele que não consegue se voltar para o outro, num movimento de reconhecimento de sua alteridade. O que percebe-se na moral pós-moderna?

A liquefação dos valores da era pós-moderna manifesta como seu problema por excelência o projeto de suprimir a consciência de alteridade, a capacidade de compreendermos o outro na sua própria pluralidade de significados e vivências. Suprimindo a alteridade, cada vez mais empobrecemos as nossas relações interpessoais, pois reduzimos nossas experiências existenciais apenas àquilo que julgamos convenientes segundo nossos escusos critérios de avaliação.⁵⁸

⁵⁴Lévinas, E. *Entre Nós*. Trad. Pergentino S. Pivetto. Vozes: Petrópolis, 2005, pág. 269.

⁵⁵Hutchens, B. C. *Compreender Lévinas*. Trad. Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis: RJ. Vozes, 2007, p. 40.

⁵⁶Lévinas, E. *Ética e Infinito*. Trad. port. João Gama. Lisboa: edições 70, 1982, p. 90.

⁵⁷Ibidem, p.90

⁵⁸Revista ciência & vida n° 21, p.48

Isso significa dizer que cada um é por sua tribo, isto é, se pertencer a minha tribo tem o meu respeito, se não pertencer não tem. Só aprovo o outro se os seus princípios se adequarem aos meus. “Tudo aquilo que se expressa como “diferente” diante de nossos olhos é imputado enfaticamente como “extravagante”, merecendo assim a nossa reprovação imediata e o convite ostensivo a adequar-se aos nossos conservadores parâmetros axiológicos”.⁵⁹

O desafio da modernidade é pensar como pensaram os iluministas, a partir da máxima; “posso até não concordar com as tuas idéias, mas defenderei o direito de expressá-las”, ou seja, discordar não significa desrespeitar, pelo contrário, discordando posso respeitar o direito de cada um expressar sua opinião, e se relacionar com o outro numa perspectiva da alteridade, ou seja, respeito às diferenças e, sobretudo ao outro.

Para Lévinas o infinito no rosto do outro, significa ética, e ética numa perspectiva abrangente, ou seja, respeito, amor, solidariedade, serviço e, sobretudo linguagem. Para o filósofo a linguagem é uma palavra fundante na sua teoria ética. “O modo como se realiza essa relação, ou seja, a relação com o rosto do outro – com a ideia do infinito [...] é a linguagem: ‘Rosto e discurso estão ligados. O rosto fala’.⁶⁰ A linguagem que transparece no rosto do outro, é interpelação, isto é, sou desafiado a partir do face-a-face a responsabilidade pelo outro, ao respeito a sua alteridade, ao serviço do amor e da solidariedade, o que é bem atípico da sociedade pós-moderna, onde cada um pensa só em si e nos seus interesses. A filosofia de Emmanuel Lévinas nos desafia a olhar para o outro, como um ser infinito, transcendente, que carrega consigo uma subjetividade indiscernível e que por isso merece total respeito de nossa parte. Lévinas nos convida à responsabilidade, ao amor, à solidariedade e sobretudo ao respeito à alteridade do outro. Na filosofia de Emmanuel Lévinas somos desafiados a considerar o outro como superior a nos mesmo e, por isso, digno de ser respeitado em sua alteridade.

⁵⁹ Ibidem, p. 48.

⁶⁰ Kesterling, Julio Cesar. Sobre o Diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar. EDUEPB, 2008, pág. 57.

CONCLUSÃO

Emmanuel Lévinas é o pensador que ousa de modo bastante consistente denunciar o modo de fazer filosofia que teve suas raízes lá na Grécia antiga, o qual ele denomina de filosofia do mesmo ou da totalidade. Para Emmanuel Lévinas tais filosofias tiveram seu germe na Grécia, passando pelo iluminismo com a crença na deusa razão e tendo seu apogeu em Heidegger e Husserl. Para essa filosofia o que importa é a centralidade do eu, a conquista da autonomia, é um eterno voltar-se para si, em detrimento da alteridade do outro totalmente suprimida.

Lévinas, com bastante propriedade, desafia a metafísica tradicional, apontando seus limites e mostrando que a ontologia tradicional sempre se arvorou em intelegibilizar o outro, isto é, esgotá-lo, reduzi-lo a partir de conceitos, suprimindo assim o que de mais excelente ele carrega: a alteridade.

Desta forma como vimos, Lévinas propõem à ética como metafísica. Ética que tem seu início a partir do rosto do outro. Rosto que carrega o infinito, o transcendente. Para Emmanuel Lévinas é o rosto do outro abre o discurso da alteridade, o rosto é linguagem que interpelá-los ao respeito, amor e, sobretudo, à responsabilidade para com a alteridade do outro.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 2ª ed. Tradução coordenada por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 1962.
- COSTA, Márcio Luis. Lévinas: uma introdução. Tradução de J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Hutchens, B. C. Compreender Lévinas. Trad, Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis: RJ. Vozes, 2007.
- Kestering, Julio Cesar. *Sobre o Diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar*. EDUEPB, 2008.
- Lévinas, E. Ética e Infinito. Trad: João Gama, Lisboa: edições 70, 1982.
- Lévinas, E. Entre Nós. Trad. Pergentino S. Pivetto. Vozes: Petrópolis, 2005.
- Lévinas, E. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1980
- NUNES, Renato. A liquidez do Homem pós-moderno. Filosofia ciência & vida, São Paulo: Oito. Editora Escala, ano II nº 21.